

À Biblioteca Pública de
Braga

20
NOVEMBRO
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Pedida a criação, em Braga, de uma Faculdade de Direito

Terminaram, no passado dia 15, em Braga, os actos comemorativos do centenário do professor Dr. Machado Vilela, figura grande do povo português, filho do visinho Concelho de Vila Verde, fundador da Associação Jurídica de Braga e antigo director da Faculdade de Direito de Coimbra.

Como fecho de tais solenidades realizou-se, num dos hotéis do Bom Jesus do Monte, um jantar de confraternização, presidido pelo sr. Ministro da Justiça e com a presença dos srs. embaixador do Brasil, Governador Civil, presidente da Câmara Municipal, Consul do Brasil no Porto, directores das Faculdades de Direito de Coimbra e Lisboa, professores universitários de Portugal e do Brasil, Conselheiros do Supremo Tribunal de Justiça, desembargadores do Porto, Coimbra e Lisboa, juizes, advogados, e demais autoridades civis, militares e religiosas e outras altas individualidades.

Aos brindes falaram o rei-

tor da Faculdade de Filosofia e os advogados dr. José Salgado e dr. António José da Costa.

Mereceu especial saliência



O sr. dr. António José da Costa, secretário da Associação Jurídica de Braga

e foi alvo da melhor atenção o discurso do sr. dr. António

José da Costa pela relevância dos assuntos tratados, especialmente o que se refere à necessidade de ser criada uma Faculdade de Direito na cidade de Braga.

Depois de traçar um hino empolgante ao Direito, salientando-o como a ciência a que a humanidade mais deve, o orador referiu a necessidade de que há em aumentar o número das Faculdades existentes e enumerou as condições especiais que militam a favor de Braga.

Fazendo ver como é notória a falta de uma Faculdade de Direito na região e apontando os factores que impõem a sua criação, referiu-se ao Monumental edifício do Pópulo com aquele que, pela sobriedade das suas linhas e pela magnificência da sua localização, mais e melhores condições impõe.

O orador foi calorosamente aplaudido pela selecta assistência e muito felicitado pela eloquência e oportunidade da sua intervenção.

A imprensa deu o maior relevo ao alvite do sr. dr. António José da Costa referindo com especial amplitude os termos usados para apresentar tão transcendente sugestão.

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

referido pelo sr. Presidente do Conselho

Na sua última palestra, feita na passada terça-feira, o sr. Presidente do Conselho referiu alguns dos mais transcendentos e actuais problemas nacionais, fazendo ver, em especial, o esforço enorme que o Governo está a fazer para melhorar a vida de todos os portugueses.

De entre os momentosos problemas referiu-se, também, àquele que mais interessa e mais apaixona os portugueses: o problema da habitação.

Falou o ilustre homem de Estado de quanto o Governo vai fazer para diminuir o custo dos terrenos para construção e fazer aplicar a Lei dos solos de 24 de Novembro findo.

Muito o espera e bem o precisa o País, todo o País. Também nas nossas terras se faz sentir a falta de terrenos para construções.

Julgamos que a solução da falta de casas está mais em conseguir terrenos acessíveis do que fazer casas pelos organismos da Previdência.

Se houvesse terrenos em boas condições construía-se mais e com pequeno gasto e acresce um factor, é que

aquele que constroee se vê realizado e se sente responsável.

O Governo precisa de dinamizar as Câmaras no sentido de conseguirem terrenos, mas para isso precisa de lhe facultar empréstimos sem burocracias nem demoras.

5.ª COLUNA

As «Olimpíadas», certamente desportivo que se processa e realiza de 4 em 4 anos, vai ter o seu costumado apogeu em 1972, na cidade de Munique.

Confesso, mais um vez, a minha anti-germanofilia nos dados que toda a vida joguei a propósito da Alemanha. Considero-a militarista por temperamento e, por isso, tudo que seja alemão provem daquela disciplina militar a que nunca me habituei. Gosto de ver um indivíduo fardado a preceito, mas não tolero, para mim, uma farda. Nem de porteiro, — mas será o fim da minha vida. Eu sei lá?

Foi isso mesmo a escolha de Munique para os Jogos Olímpicos, a cidade onde nasceu o nazismo, cheira-me bastante mal. Mas, paciência!

O curioso destas «Olimpíadas» está no princípio que os alemães lhe querem dar, trazendo ao de cima a sua antiga concepção, dos tempos da Hélade. Os Jogos Olímpicos vêm da velha Grécia, onde os atletas se defrontavam numa luta homérica, mas leal, que se organizavam e exerciam, para dar Arte e Força ao seu semelhante. As duas coisas unidas faziam o encantamento dos milhões de espectadores.

Pois além dos atletas apresentavam-se, ainda, corpos corais de magnificente musicalidade e beleza plástica.

Não tenho espaço, nem tempo, para descrever os Jogos Olímpicos da Grécia, naqueles velhos tempos de fogueira para os ricos e escravo trabalho para os

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 4.ª página)

Mini-Gazeta

A uma cena assisti,
Junto de velho moíno:
Ela nova, ele «paisinho»,
Ela a chamar-lhe Toninho,
Ele a chamar-lhe Mimi!

Fiquei muito admirado,
Ao tratar-se dum casal,
Não por que ficasse mal
O velho co'a jovial,
Mas, por me ver deslocado ..

Era demais evidente
A diferença da idade,
Ela toda mocidade,
Ele já de certa idade
E todo complacente.

Achei os dois esquisitos
Mas, perguntei aos botões
E o pensamento aos sacões:
— Que culpa tem quarentões
De serem homens bonitos?

DAVUS

Telefone Público?

Na Feira Nova há... e não há

Há... e não há, telefone público na Feira Nova.

Há, porque pelo menos assim está rotulado, existente numa casa comercial que à semana abre às 8, encerra às 13, reabre às 14 e encerra às 20 horas. Ao domingo durante todo o dia não há. E para haver é preciso os interessados irem à residência do proprietário do estabelecimento pedir (e porque não dizer suplicar?) ao proprietário do mesmo o favor de vir para ser utilizado o indispensável aparelho.

À semana, durante os períodos de encerramento do estabelecimento também não

há. E para haver, lá tem a gente de se deslocar à residência do referido proprietário e pedir para vir fazer o favôr ou então esperar pelas horas de reabertura. Estará certo? Concerteza que não. Esse aparelho é necessário mas sem horas marcadas. Pode então aventar-se: Na Feira Nova há muitos telefones. E é verdade; mas são particulares e os telefones particulares são das pessoas que pagaram as suas despesas e para sua utilização exclusiva. Deixam telefonar se quiserem; se não quiserem não deixam. E está bem.

(Continua na 4.ª página)

Um descendente de Fernão de Magalhães partiu à descoberta do estreito com cinco caravelas... Mas de filigrana

Partir em viagem é natural. Partir com cinco caravelas é já muito mais estranho. No entanto, foi o que fez Duarte Miguel de Magalhães e Meneses, ao deslocar-se muito recentemente ao Chile. Representante da família de Fernão de Magalhães, ao embarcar para aquele país a fim de conhecer todos os locais por onde passou pela primeira vez o seu ilustre antepassado, concretizou um dos seus maiores sonhos. Mas para tudo se esclarecer o melhor é ouvi-lo. E passando das palavras à acção dirigimo-nos ao hotel, em Lisboa, onde de regresso do Chile, se encontrava com sua esposa, D. Maria Helena Sommer de Magalhães e Meneses.

—Que motivou a sua viagem ao Chile?

—Desde criança que oiço na minha família falar de Fernão de Magalhães e do desejo que todos tinham de virem a conhecer os locais por ele descobertos. Lamentou-se o meu pai, antes de morrer, de não ter podido realizar essa aspiração. Talvez por isso eu sempre ambicionei realizá-la; sinto-me assim feliz, hoje.

—Foi em visita oficial?

—Não, de modo algum. A minha visita foi inteiramente particular e totalmente custeada por mim. Por isso aproveitei a oportunidade para rectificar a informação que a esse respeito apareceu em alguns jornais portugueses.

—Quanto tempo durou a sua visita e como a planeou?

—Foi uma viagem muito curta, pois chegamos ao Chile no dia 2 e partimos no dia 6. Dirigi-me imediatamente a Ponta Arenas e lá passei a maior parte do tempo. Apenas estive em Santiago do Chile o tempo suficiente para ser recebido pelo Presidente da República.

—Foi então recebido pelo Presidente Allende?

—No dia 6 de Novembro, acompanhado pelo embaixador de Portugal no Chile, dr. Castro e Abreu, falei com o Presidente da República durante cerca de 20 minutos e tive a oportunidade de lhe oferecer uma das caravelas de filigrana que levava comigo.

—Como reagiu o Presidente do Chile?

—Ficou encantado com o meu presente, fazendo questão de se fotografar com ele e levando-o imediatamente para a sua residência particular.

—Falou nas caravelas. Qual o destino que deu às outras quatro?

—Como apenas levava três grandes e duas pequenas, tive de cuidar na sua distribuição. Entreguei a outra maior ao alcaide da cidade de Ponta Arenas, e duas das mais pequenas ao director da Fundação Magalhães, sr. Carlos Zanzi

Cucuini, e ao intendente da província de Magalhães, representante ali do Presidente da República.

—A Imprensa relatou muito da sua visita?

—Muitíssimo. Era até reconhecido nas ruas pelas fotografias que apareciam nos jornais.

—Tem o povo chileno, na generalidade, a noção de ter sido o seus país descoberto por Fernão de Magalhães?

—Evidentemente, sobretudo da parte Sul do país. No entanto, no Norte do Chile existia a noção errada, que agora está rectificadas, de ter sido outor o descobridor, um mareante que apenas lá chegou 19 anos depois.

Gostaríamos de continuar a ouvir o Sr. Duarte Miguel de Magalhães e Meneses; trata-se de uma pessoa de rara fluência e que põe grande entusiasmo em tudo quanto diz. Vamos, no entanto, terminar ouvindo da boca do nosso interlocutor o que consideramos o resultado mais sensacional da sua viagem:

—Reparando eu que o transporte de passageiros no Estreito era deficiente, apenas feito por uma barça já velha, acerca disso falei com os meus amigos chilenos. E estes pediram-me para contactar com os estaleiros portugueses, sobre a possibilidade de aquisição de um barco. Aceitei alegremente a incumbência, mas com uma

DE AMARES

Cidades, vilas e aldeias

Tudo é Portugal. Cidades, vilas e aldeias dos meios remotos. Em todos eles entrou a «civilização». Vê-se numa feira da província o que se vê na capital do país. O decoro social está impregnado e para o «vírus» que infestou o sexo frágil só o tempo, e nada sem ele se pode conseguir, para dar pelo êrro em que tanta gente honesta caiu. Contudo, o aspecto decrépito de uma juventude prometedora, mostra a degenerência. As nossas árvores, as nossas videiras e até as nossas flôres já não mostram nada daquilo que pareciam ser quando apareceram para contemplação e respeito. Fatos de banho em Outubro na Feira Nova no dia de mercado, foi o cartaz ou uma amostra dos instintos sexuais que deviam estar reservados para não continuar mais, para não aumentar mais o já grande número de abstratos aos deveres cristãos esquecidos pelas famílias católicas responsáveis pelo indecoro.

condição...

—Que condição?

—A de o barco se chamar «Vitória» ou «Fernão de Magalhães».

—Porquê «Vitória»? - inquirimos.

—Porque foi o único barco a regressar à Espanha da viagem de circumnavegação.

Nada mais havia a acrescentar. Saí do hotel e ao tentar apanhar um táxi ia pensando naquele digno e simpático, descendente de Fernão de Magalhães que, tal como ele, fora às terras mais meridionais da América com uma frota de cinco caravelas... mas de filigrana.

De parabéns os Piro-técnicos de Lanhelas

Um grupo de pirotécnicos minhotos — mais exactamente da freguesia de Lanhelas — seguiu há dias para o Principado de Mónaco, onde participa nos festejos nacionais daquele Estado, apresentando um espectáculo de fogo de artifício.

Durante a sua permanência no Mónaco, os pirotécnicos portugueses recebem o prémio por eles ganho ali no passado mês de Julho, quando se classificaram em primeiro lugar no Festival Mundial de Fogo.

O prémio é no valor de cerca de cem mil escudos, acompanhado de um diploma que confere aos pirotécnicos de Lanhelas um título de que podem justamente orgulhar-se — «os melhores do mundo».

Leia

Propague e assinete

«Tribuna Livre»

CALAFRIO

(Continuado do número anterior.)

e definitivamente me retirar, gozava de um pequeno intervalo de solidão. Por muito que eu estimasse os meus companheiros, aquela hora era a coisa que eu mais adorava no dia inteiro, e o momento em que mais a apreciava era quando, ao desfalecer da luz — ou antes, direi, ao fim do dia e quando o último apêlo das últimas aves vinha, através de um céu avermelhado, lá das velhas árvores, — quando, ao esmorecer da luz, eu podia dar uma volta pelos campos e gozar, quasi com um sentimento de propriedade que me divertia e adulava toda a beleza e dignidade daqueles sítios. Era um prazer nesses momentos sentir-me tranquila e justificada; decerto, talvez também por pensar que, graças à minha descrição, ao meu calmo bom senso e geral decôro, eu estaria dando prazer — caso êle pensasse nisso alguma vez! — àquele a cujo pedido eu tinha respondido. O que eu estava fazendo era o que êle fervorosamente esperava e directamente me pedia, e o facto de eu o poder fazer, dava-me contudo, mesmo, mais prazer do que eu própria imaginara. Provavelmente imaginava-me, numa palavra, uma rapariga cheia de valor e reconfortava-me pensando que isso havia de transparecer mais publicamente. Sim, eu precisava de assim me sentir para oferecer qualquer resistência às coisas extraordinárias que de um momento para o outro começaram a dar os seus primeiros sinais de vida.

Foi inesperadamente, certa tarde, quando eu gozava a «minha hora»: as crianças tinham-se retirado e eu saíra para dar um passeio. Como eu não tinha então o mais pequeno receio de coisa alguma, um dos pensamentos a que eu não evito referir-me agora, e o qual me acompanhava durante estes devaneios, era o de que seria tão maravilhoso como uma maravilhosa história surgir-me ali alguém subitamente. Alguém me poderia aparecer ali, pensava eu, numa curva do caminho, para ficar diante de mim sorrindo e aprovando.

Não pedia mais, apenas pedia que êle soubesse; e a única maneira de ter a certeza de que êle sabia era vê-lo, e com êle a bondosa expressão dêsse contentamento nas suas formosas feições. Era isto claramente presente em mim — eis porque eu sabia qual a fisionomia que esperava — quando, uma das primeiras vezes que isto acon-

teceu, ao pôr do sol de um longo dia de Junho, estaquei, de repente ao emergir de uma das plantações diante de mim a vista da casa. O que de súbito me surpreendeu — e com um choque muito maior do que aquêle que uma simples visão teria proporcionado — foi a impressão de que a minha fantasia se tornara de repente verdadeira. Ei-lo — mas lá no alto, para lá da clareira, e no cimo da torre onde a Florezinha me conduzira naquela primeira manhã. Esta torre fazia parte de um par de torres — torres quadradas, sem proporção, construídas em ameias — que, por qualquer motivo, eram conhecidas, embora eu não visse entre elas grandes diferenças, por torre velha e torre nova. Ladeavam as extremidades opostas do prédio e eram, provavelmente, disparates de arquitectura, apenas de certo modo atenuado por não serem de todo desligados do edifício nem de uma altura demasiadamente pretensiosa, datando, na sua infantil antiguidade de uma renascença romântica, a qual tinha já um passado respeitável. Eu admirava-as, devaneava à volta delas, pois todos podiam tirar partido da grandeza da construção bélica que representavam; não eram tão elevadas, porém, que parecessem o local mais indicado para o acoerimento da figura que eu tantas vezes tinha evocado.

Essa figura, produziu em mim, no ainda claro crepúsculo, lembro-me bem, dois nítidos haustos de emoção, a saber, rigorosamente: o choque provocado pela primeira surpresa e o provocado pela segunda. A segunda era como que a violenta percepção do êrro que a primeira constituía: o homem cujos olhos me fitavam não era a pessoa que eu, precipitadamente, imaginara. O seu aparecimento constituiu um tal desvirtuamento da visão que ainda hoje não sou capaz de dizer o que vi. Qualquer rapariga honrada poderá sentir medo ao ver um desconhecido num lugar isolado; e a figura que estava diante de mim — disso me pude certificar segundos depois — era tão pouco parecido com quem quere que fôsse das minhas relações como uma imagem que eu tivera na ideia. Não a vira em Harley Street; não a tinha visto em parte alguma. Além disso, repentinamente, e graças apenas àquela aparição, aquêle sítio tornou-se-me uma verdadeira solidão. Para mim, pelo menos, e declaro-o aqui, com uma deliberação como nunca, toda a emoção que senti naquele momento se me figura. Era como se, enquanto o verifiquei — porque, de facto, o tive de verificar, — tudo mais em roda tivesse sido tocado pela morte. Enquanto escrevo, posso ouvir de novo o silêncio imenso em que iam caindo os ecos da tarde. As gralhas haviam deixado do grasnar no oiro do céu e a benévola hora perdera, bruscamente todas as suas vozes. Mas não se deu qualquer outra mudança na natureza, a não ser, realmente, a que eu via com a mais estranha perspicácia. Ainda havia

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

A podridão da sociedade só se conhece com o contacto. A nobresa portuguesa, distinguida e seleccionada nem sempre conseguiu manter-se com integridade aos princípios régios que a colocou em lugares cimeiros da vida Nacional.

O país, no tempo da monarquia escravizou o plebeu colocando toda a gente que não fosse «fidalga» numa posição diminuída de valor na sociedade. Nobresa, clero e povo. Trilogia magnífica mas toda ela eivada de defeitos que os brasões não conseguiam fazer desaparecer. Somos o que somos. Somos o que Deus quer que sejamos mas quem não fosse nobre no tempo da monarquia tinha somente um caminho. Obedecer respeitosa e castigar severamente esse senhor que se julgava, pela sua posição social, ilibado de toda e qualquer responsabilidade. Morreu na cadeia ao fim de 20 anos de prisão que não completou por esse trágico fim.

* * *

A África é um fantástico mosaico, sob diversos aspectos. Geograficamente, desde as neves perpétuas do Kilimanjaro às areias do Saara, da magestade dos grandes rios à vastidão imensa da Savana, apresenta uma face multiforme. A sua superfície total é de 30 milhões de quilómetros quadrados. O clima detém os «recordes» da seca e da humidade. Os seus 346 milhões de habitantes correspondem a 10% da população mundial. O país mais habitado é a Nigéria com 60 milhões. Sob o ponto de vista etnográfico, a África é um dos berços da humanidade, com 850 tribus ramificados em milhares de subtribus, mais de 800 línguas divididas em numerosos dialectos.

O analfabetismo regista ainda uma taxa de 80%. Enquanto antes de 1960 os Estados independentes eram apenas uma dezena, agora já estão em 43.

Um decénio de independência que foi afuscado por seis guerras civis, mais de 30 golpes de Estado. Vários homens políticos foram assassinados, presos ou postos de parte. Em 16 Estados os militares apoderaram-se do poder. A miséria e o desemprego tem aumentado. Sob o aspecto religioso, a África está assim repartida: 37 milhões de católicos (10% da população), 20 milhões de protestantes. Os cristãos atingem um total de 26% da população.

rascos e célebres criminosos a quem convidou, mediante soma importante que receberam, para sequestrar a costureira. Consumado o nefando crime que, provocou a morte do seu pai, o barão e a filha convidaram o rico filho do falecido capitalista para uma festa familiar com o fim de reatar novas relações de amizade e amor com o salvador da miséria financeira do fidalgo arruinado. Depois de aceitar o convite e de repudiar os galanteios apareceu a polícia para investigar o crime por queixa apresentada por esse homem da banca portuense que conseguiu localizar a sua amada e castigar severamente esse senhor que se julgava, pela sua posição social, ilibado de toda e qualquer responsabilidade. Morreu na cadeia ao fim de 20 anos de prisão que não completou por esse trágico fim.

A África é um fantástico mosaico, sob diversos aspectos. Geograficamente, desde as neves perpétuas do Kilimanjaro às areias do Saara, da magestade dos grandes rios à vastidão imensa da Savana, apresenta uma face multiforme. A sua superfície total é de 30 milhões de quilómetros quadrados. O clima detém os «recordes» da seca e da humidade. Os seus 346 milhões de habitantes correspondem a 10% da população mundial. O país mais habitado é a Nigéria com 60 milhões. Sob o ponto de vista etnográfico, a África é um dos berços da humanidade, com 850 tribus ramificados em milhares de subtribus, mais de 800 línguas divididas em numerosos dialectos.

O analfabetismo regista ainda uma taxa de 80%. Enquanto antes de 1960 os Estados independentes eram apenas uma dezena, agora já estão em 43.

Um decénio de independência que foi afuscado por seis guerras civis, mais de 30 golpes de Estado. Vários homens políticos foram assassinados, presos ou postos de parte. Em 16 Estados os militares apoderaram-se do poder. A miséria e o desemprego tem aumentado. Sob o aspecto religioso, a África está assim repartida: 37 milhões de católicos (10% da população), 20 milhões de protestantes. Os cristãos atingem um total de 26% da população.

Elísio Gonçalves

Vida Alegre

Aniversários

Fazem anos:

No dia 22 o sr. Domingos do Nascimento Pinheiro.

Neste dia festeja também o seu aniversário natalício a menina Olga Maria de Azevedo Dias, filha do sr. Jaime de Abreu Dias e D. Mariett Barros de Azevedo.

No dia 23 a menina Alexandra de Azevedo Dias.

No dia 25 o sr. Nelson José de Sousa, ausente em França.

No dia 26 o menino Francisco do Nascimento Gonçalves Dias.

* * *

António José da Costa Machado

No próximo dia 26 passa o aniversário natalício do nosso estimado assinante sr. António José da Costa Machado, ausente com sua esposa e filhos no Canadá.

Seu compadre Manuel Fernandes e seus amigos desejam-lhe que passe um aniversário feliz e que esta data se repita por anos sem fim.

Tribuna Livre cumprimenta também este seu assinante com o desejo sincero de muitas felicidades.

Regresso do Ultramar

Chegaram há dias do Ultramar, onde valorosamente se destacaram com louvores, os soldados — Adelino Antunes e José Vieira Pinto, filhos, respectivamente, do sr. António da Silva, electricista, já falecido, e do sr. Hipólito Xavier Pinto, industrial de calçado.

Regosijámo-nos de vê-los regressar são e salvos para junto dos seus familiares e amigos depois de tão galhardamente defenderem a Pátria.

Telefones dos Bombeiros V. de Amares

62162

Trovas Soltas

Toda a água corrente,
Busca um lago, um rio, um mar...
Mas o destino da gente,
Quem sabe onde vai parar?

O perfume do teu lenço
Trago comigo na mão.
Mas o cheiro da tua alma,
Dentro do meu coração.

Onde anda o corpo. é verdade,
Vai a sombra pelo chão...
É assim também a saudade,
A sombra do teu coração.

Aos que me foram ingratos,
Eu grato lhes hei-de ser,
Pelo bem que me fizeram
No bem que eu pude fazer.

Quando a trova nos transmite
Seu feitiço singular,
A gente lê, e repete,
E depois — fica a pensar...

Vou vivendo a minha vida,
Como Deus quer e consente.
— Sou como a folha caída
Levada pela corrente...

Que contraste tem a Sorte!
No mundo, que ingrata lida!
— A Vida chorando a Morte...
E a Morte rindo da Vida...

Ardemos na mesma flama,
Sofrendo da mesma Dor?...
— E é isso que a gente chama
Felicidade de amor...

Já lá vai morrendo o dia,
E hoje ainda não te vi.
— O dia em que não te vejo,
É dia que não vivi...

A dor que em prantos rebente,
Dói, mas pode consolar...
— Mas a dor que a gente sente
De olhos secos, sem chorar?!

CERQUEIRA

AVISO

José António Dias, proprietário, residente no Lugar de Chelos da Freguesia de Dornelas, concelho de Amares, avisa todos os Bancos, casas bancárias e comerciais, que a partir do dia em que saia este anúncio que não se responsabiliza por qualquer levantamento que seja feito em seu nome.

Quinta -- Vende-se

Em Ancede, vende-se uma quinta composta de boas propriedades.

Falar nesta Redacção

A TOXICOMANIA

mal dos países ricos

A O.M.S. — Organização Mundial de Saúde — definiu a toxicomania como «um estado de intoxicação periódico ou crónico, prejudicial ao indivíduo e à sociedade, produzido pelo consumo repetido de uma droga natural ou sintética».

Os dados fornecidos pela O.M.S. são suficientemente elucidativos para se verificar ser nos países mais ricos que este mal tem maior aceitação, sobretudo entre os jovens.

Assim, nos E.U.A. havia, em 1963, cerca de 20.000 toxicómanos e em 1968, 68.088, todos com menos de 30 anos de idade. Em França, no período de um ano, o número de indivíduos detidos como drogados, multiplicou-se por dezasseis e em que 87% dos intoxicados tinham menos de 38 anos e 38% menos de 21. Em Inglaterra, a percentagem de progressão do uso do «haschisch» e da heroína aumentou de 50% a partir de 1969. Em 1970 os 1.100 casos de óbito pela ingerência do haschisch» verificou-se em menores de 14 ao 18 anos.

É no entanto curioso — doloroso, melhor — notar que, se estes números assustadores provém de todas as camadas sociais da população destes países, a percentagem mais elevada nota-se nos meios familiares onde a união não prevalece, tal os 80% dos casos observados em França em lares desfeitos e onde exactamente os jovens são as vítimas mais directas.

Apesar desta onda avassaladora de traficantes de drogas e de toxicómanos, os Governos têm exercido uma intensa fiscalização e uma

severa repressão tanto para uns como para outros, em face dos alarmantes dados estatísticos da Organização Mundial de Saúde que, por sua vez, se esforça no tratamento médico dos toxicómanos, com 80% de casos positivos.

No entanto, apesar de todos estes esforços em conjunto, os enormes interesses financeiros implicados neste comércio sem escrúpulos, subsiste.

Até onde irá a humanidade neste turbilhão de paixões desencontradas? Se é certo que a toxicomania existe a partir da noite dos tempos, como ritual de determinadas civilizações hindús, árabes e dos índios e negros das Américas, o uso actual dos barbitúricos como meio de motivação artística, na justificação dos delinquentes do nosso século, justifica a inquietação geral da opinião pública e das autoridades.

J. de F.

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

pobres. Mas, certo é, haver junto da força bruta dos atletas, o máximo da espiritualidade e da arte aplicada aos jogos em causa.

Pois bem! Munique vem dar certo contributo aos seus Jogos Olímpicos de 1972. Vai realizar uma exposição de arte plástica, única no género, que dará uma visão de conjunto sobre as civilizações antigas e a arte moderna, seja a influência asiática, africana, oceânica e das civilizações mortas da América, na arte e na música europeia dos séculos 19 e 20.

Quer dizer: os organizadores das «Olimpíadas» de 1972 não pensaram só em Desporto; igualmente quiseram associar outras artes — O músculo, a música e a pintura. De facto, têm razão: algo ficará da espiritualidade da velha Hélade.

Pena tenho em não poder ir a Munique. O dinheiro não dá. E o seu Leitor?

EME ABRIL

Bombeiros Voluntários

Imposto de Salvação Pública

Qualquer imposto lançado quando seja destinado a fins caritativos ou de assistência é sempre bem recebido pelo público que só assim se lembra das suas obrigações sociais. A Associação dos Bombeiros Voluntários é, como todos sabemos, indispensável à tranquilidade de todos nós e porisso um imposto de salvação pública lançado a favor dessa corporação devia ter aplauso unânime de toda a gente que tem

amor à vida e aos seus haveres. Não se trata de um imposto contra incêndios que venha agravar o custo de seguro do prédio nem esse seguro salva vidas e haveres. Quem nos segura contra todos os riscos são os bombeiros que defendem com as suas vidas a vida e haveres dos outros permanentemente vigilantes com perdas de tempo que não é remunerado por falta de receitas ordinárias.

Temos que contar com reacções tributárias mas em contrapartida há outra forma mais suave de amenisar os espíritos incompreensíveis, abolindo o imposto de trabalho ou corrigindo as anomalias nele existentes. Portanto, um e outro imposto com cotas fixas pagas pelos chefes de família válidos e que trabalhem, acabando com os varões maiores, carros de bois, carroças, burros e vacas que fazem parte da obrigação desse imposto de trabalho, as coisas ficavam objectivamente bem harmonizadas e creio que a Câmara Municipal seria exaltada por praticar tão simpático gesto sem ofender o modesto orçamento que a obriga a não poder fazer o que desejaria para beneficiar os municipais como fez a Câmara de Braga.

Corrigindo os erros contidos, o imposto não é coisa que não possa ser pago mas o caso mais importante e esse não será contestado, é o imposto de salvação pública que não conserta caminhos mas salva as preciosas vidas de toda a humanidade.

PENÉLOPE

Do rei d'Ithaca a esposa previdente
Que o rei seu esposo em longe mar trazia,
—Por ela acêsos em paixão ardente—
Traz um bando de bravos, que a assedia.

Jura que um deles deixará contente
Quando acabasse a teia que tecia;
Mas por mais que trabalha diligente,
Destece à noite o que teceu de dia.

Passam de Tróia os dilatados anos,
E após, os dez também da Odisseia...
Tem todo o amor reconditos arcãos!

A nenhum dos amantes vem à ideia
Que da amada há de ter desenganos...
Por mais que faça e que desfaça a teia!

MENSAGENS

PARA A VIDA DIÁRIA

Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus.

Lucas, 18: 27

Esse texto mostra como fazer com uma coisa «impossível». Meça seus problemas, reze a propósito deles, faça tudo quanto puder a respeito. Se parecerem impossíveis de se resolver, não desista, mas afirme: «O que é impossível aos homens é possível a Deus».

Mantenha-se repousado. Não se aflija. Evite tomar-se de pânico. Nunca pense: «Isto não pode ser feito». Declare: «Isto pode ser feito, está sendo feito porque Deus o está fazendo através de mim». Afirme que o processo está em andamento. O resultado final pode não ser, inteiramente, o que você deseja agora. Mas, trabalhada dessa maneira, a solução será a que Deus deseja.

Telefone Público?

(Continuado da 1.ª página)

Estão no seu pleníssimo direito.

A vida cá no burgo começa às 7 horas, pois que a essa hora sai a primeira carreira para Braga. Se fôr preciso a alguém, por qualquer motivo, utilizar um telefone, não tem. Não tem e isso pode ocasionar sérios problemas e arrelias.

Ao menos se ainda o telefone posto-público estivesse instalado noutros estabelecimentos (e cá no largo há) que abrem cedo, às 7 horas, e ao domingo estão abertos e só fecham à meia noite, a coisa estaria bem e certa. Assim não. Não pode ser. Para quem de direito apelamos.

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Estrangeiro

e Províncias Ultramarinas
Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Visado pela G. de Censura

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA

Hospital da Misericórdia
Casa de Saúde de Amares
Farmácia Pinheiro Manso
Guarda Nacional Republicana
Farmácia Marques Rêgo
Doutor Eduardo Gonçalves

(Médico)

62174
62122
62127
62115
62121
62145

Mini-Gazeta

A notícia é dos jornais,
Já a vi mais duma vez,
Se não li duas, li três,
Lendo-as, sempre de revés
Por senti-las amorais!

Certa rabuja mulher
Apanhou grande tarefa
Do marido. E da manheia,
As amostras, lá, na aldeia,
Eram das tais, de colhêr.

Toda a gente vocifera,
Toda a gente se revolta,
Comiseração envolta,
Pois! Toca a dar uma volta
À procura dessa «fera».

E o povo, a julgar que vence,
Vai de roldão até casa,
Matraqueia, quase arrasa,
Mas... ouve a dona da casa:
—Bateu no que lhe pertence!..

DAVUS